



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

EDGAR RICE BURROUGHS

TARZAN

O Invencível

Tradução de
PAULO DE FREITAS

"CODIL" COMPANHIA DISTRIBUIDORA DE LIVROS
SAO PAULO

Do original norte-americano:
TARZAN THE INVINCIBLE

1959

Direitos para a língua portuguesa adquiridos pela
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo
que se reserva a propriedade desta tradução,
cedidos especialmente para a
"CODIL"

COMPANHIA DISTRIBUIDORA DE LIVROS.
Impresso nos Estados Unidos do Brasil Printed in the United
States of Brazil

ÍNDICE

O pequeno Nkima
O hindu
Fora do túmulo
Na caverna do leão
Nos muros de Opar
Atraído
Inútil procura
A traição de Abu Batn
Na célula de morte, em Opar
O amor de uma princesa
Perdido na jãngal
Na pista do terror
O homem-leão
Atirado
Mate, Tantor, mate!
Pânico
Perigos conjurados

CAPITULO I

O pequeno Nkima

Não sou historiador, nem cronista de fatos. Além disso, estou plenamente convencido de que há certos temas que os romancistas devem deixar de parte. Entre eles, os assuntos políticos e religiosos. Contudo, não me parece contrário à ética de quando em quando a gente lançar mão de uma ou outra idéia de qualquer desses temas, contanto que ao desenvolvê-lo ressalte inconfundível impressão de novela.

Se a história que vou contar aparecesse nos jornais de duas certas potências européias, era bem possível que se desencadeasse uma outra e ainda mais terrível guerra mundial. Nesse ponto não estou particularmente interessado. O assunto interessa-me por tratar-se de uma boa novela que de perto se adapta às minhas exigências, uma vez que Tarzan dos Macacos intimamente se acha ligado a muitos dos seus mais emocionantes episódios.

Não vou enfiá-lo, leitor, com a insípida história política, de sorte que não é inutilmente que lhe vou impor, ao espírito, a tentativa de decifrar os nomes fantásticos de que me utilizarei para descrever certos povos e certos lugares, uns e outros, a meu ver, para maior garantia da paz e do desarmamento, devem permanecer incógnitos.

Acolha a novela simplesmente, como já acolheu outras histórias de Tarzan, onde, é de esperar-se, encontrará entretenimento e repouso. E se achar alimento para reflexões, tanto melhor.

Sem dúvida, poucos dos meus leitores viram, e muito menos ainda se lembram de ter visto um despacho

noticioso, há algum tempo inconspicuamente impresso nos jornais, registrando o boato de que as tropas coloniais francesas, estacionadas em Somaliland, na costa nordeste da África, haviam invadido a colônia italiana na África. Atrás dessa reportagem acha-se a história de conspiração, intriga, aventura e amor, uma história cheia de patifes e de loucos, de homens valentes e de lindas mulheres, uma história de animais da floresta e da jângal.

Se uns poucos dos meus leitores leram a notícia dos jornais, sobre a invasão da Somaliland italiana, na costa nordeste da África, igualmente é fato que ninguém assistiu ao terrível incidente que se verificou no interior africano, pouco antes daquela ocorrência. Que este fato possivelmente não pudesse ter nenhuma ligação, no que quer que fosse, com a intriga européia internacional, ou com o destino das nações, é coisa que nem mesmo parece remotamente possível. Isto porque se trata simplesmente de um macaquinho, fugindo através das frondes de árvores e gritando de terror. Era o pequeno Nkima, perseguido por um enorme macaco selvagem, muitíssimo maior que ele.

Felizmente para a paz da Europa e do mundo, a velocidade do perseguidor de forma alguma era proporcional à sua desagradável disposição de ânimo, de sorte que Nkima logrou escapar. Não obstante, embora já há tempo que o enorme macaco havia abandonado a perseguição, o macaquinho continuou a fugir pelas frondes das árvores, gritando com sua vozita sibilante, pois o terror e a fuga eram as duas maiores atividades do pequeno Nkima.

Talvez fosse o cansaço, mas muito provavelmente uma lagarta ou ninho de passarinho que eventualmente puseram termo à fuga de Nkima e o tornaram resmungão e palrador, num oscilante ramo, muito acima do solo da jângal.

O mundo em que o pequeno Nkima nascera, parecia-lhe verdadeiramente um mundo terrível, e ele passava grande parte de seu tempo resmungando contra isso. O

pequeno Nkima tinha a impressão de que o mundo era povoado de criaturas ferozes e colossais, que gostavam de carne de macaco. Havia Numa, o leão, Sheeta, a pantera, e Histah, a serpente — um triunvirato que lhe tornava inteiramente inseguro seu mundo, desde a mais elevada copa de árvore até ao solo. E ainda havia os grandes macacos, os macacos de menor porte, os *baboons* e inumeráveis espécies de outros macacos, que Deus fizera maiores do que o pequeno Nkima e do que quantos pareciam alimentar má vontade contra ele.

Tome-se, por exemplo, a selvagem criatura que inda há pouco o perseguia. Que lhe fizera, o pequeno Nkima? Simplesmente lhe atirara um pedaço de pau quando ela estava dormindo numa forquilha de árvore, e precisamente por esse motivo perseguiu o pequeno Nkima, sem sombra de dúvida com intenções homicidas. A expressão é por mim usada sem o propósito de emprestar qualquer reflexão a Nkima. Jamais ocorreu ao macaquinho, como parece nunca ter ocorrido a certo povo, que, tal qual a beleza, o sentimento de humor por vezes pode ser fatal.

Meditando sobre as injustiças da vida, o pequeno Nkima estava muito triste. Mas uma outra e mais pungente causa havia para confranger-lhe o coraçãozinho. Há muitas, muitas luas passadas o seu amo desaparecera e deixara-o. Verdade é que o deixara numa linda e confortável casa onde era alimentado por gente bondosa, mas o pequeno Nkima extraviou-se do grande Tarmangani, cujo ombro nu era o único e protetor refúgio de onde podia, com perfeita impunidade, atirar insultos ao mundo. Desde então, por muito tempo o pequeno Nkima desafiava os perigos da floresta e da jângal, em procura de seu bem-amado Tarzan.

Medidos, como são, os corações pelo que contém de amor e lealdade, e não por diâmetros em polegadas, o coraçãozinho do pequeno Nkima era muito grande. Tão grande que o ser humano comum podia nele esconder o seu próprio coração, bem como a própria pessoa, e por muito tempo o macaquinho sentiria uma grande dor em seu

diminuto peito. Contudo, para felicidade do pequeno Manu, o seu espírito estava de tal modo disposto, que facilmente se distraía, mesmo de uma grande tristeza. Uma borboleta ou saborosa larva podiam subitamente prender-lhe a atenção, imersa em profundas reflexões, o que era um bem. Caso contrário, seria capaz de morrer de tristeza.

Agora, como lhe voltassem os melancólicos pensamentos ao contemplar a sua perda, a direção destes subitamente se desviou ao perpassar de uma brisa da jângal, que lhe trouxe aos afinados ouvidos um som, o qual não era próprio da jângal, pois que os sons da jângal constituíam parte de seus instintos hereditários. Era uma discordância. E o que seria aquilo que trazia discordância dentro da jângal, bem como no quer que fosse em que se intrometesse? O homem. Vozes de homens é que Nkima ouvira.

Silenciosamente o macaquinho deslizou através das árvores, em direção ao lugar de onde vinham os sons. Presentemente, como os sons se tornassem mais fortes, evidenciou-se também a definida e final prova de identidade dos seus autores naquilo em que Nkima ou outro qualquer habitante da jângal estivesse interessado — o faro da presa.

O leitor já viu um cão, talvez o seu próprio cão, reconhecer o amo pela vista. Entretanto, acaso esse animal se sentia plenamente satisfeito enquanto a evidência de seus olhos não fosse posta à prova e o fato provado pelas sensitivas narinas?

Foi o que sucedeu com Nkima. Os ouvidos lhe sugeriram a presença de homens, e agora as narinas definitivamente lhe asseguravam que os homens estavam perto. Em sua mente, Nkima não os tinha como homens, mas como grandes macacos: entre eles havia Gomangani, grandes macacos pretos e homens negros. Foi isso que lhe disse o nariz. E havia também Tarmangani. Estes, que para Nkima eram grandes macacos brancos, eram homens brancos.

Avidamente suas narinas farejaram o familiar cheiro do seu querido Tarzan, mas ali não o encontrou, mesmo antes de ter sob as vistas os estrangeiros.

O acampamento para onde, no momento, Nkima olhava do cimo de uma árvore vizinha, estava admiravelmente disposto. Evidentemente ali já se achava armado há dias, e possivelmente ali continuaria por mais tempo. Não era fruto de trabalho à noite. Havia as tendas dos homens brancos e as tendas dos árabes, primorosamente levantadas quase que com precisão militar, e atrás as cabanas dos negros, levemente construídas de materiais de que a natureza dotara o lugar.

Na parte fronteira e aberta de uma tenda achavam-se sentados vários *bournoosed* beduínos, bebendo seu indefectível café; à sombra de uma grande árvore, defronte uma outra tenda, quatro homens brancos empenhavam-se em jogo de cartas; entre as cabanas nativas um grupo de valentes guerreiros de Galla divertia-se com a *minkala*. Havia, também, negros de outras tribos, homens do este africano e da África Central, com um quê dos negros da costa oeste.

Causaria pasmo, ao experimentado viajante da África ou ao caçador, catalogar esta variada reunião de raças e cores. Excessivamente grande o número de pretos para justificar a crença de que todos eram carregadores, porquanto arrumadas todas as bagagens do acampamento, pronto para ser removido, caberia uma pequena fração de carga para cada um deles. Isto sem falar dos *askaris*, que não carregavam nenhum peso além do seu rifle e munição.

Além disso, havia mais carabinas do que o necessário para proteger, mesmo um grande bando. Mas esses eram detalhes menores que não causaram a mínima impressão em Nkima. O que sobremodo o impressionava era o fato de ali, nos domínios de seu amo, se acharem muitos estranhos Tarmangani e Gomangani. E, estrangeiros todos, todos inimigos. Nkima estava perturbado. Agora, mais do que nunca, desejava encontrar Tarzan.

Um indiano do este, trigueiro e com turbante, sentou-se com as pernas cruzadas no chão, defronte de uma tenda aparentemente imerso em meditação. Pudessemos alguém ver-lhe os olhos escuros e sensuais, e descobriria que a luz que os alumia, estava longe de ser introspectiva, pois constantemente se voltavam para uma outra tenda, situada um bocadinho separada das demais. Quando uma rapariga surgiu dessa tenda, Raghunath Jafar levantou-se e dela se aproximou. Ele sorria um sorriso oleoso enquanto lhe falava, mas a rapariga não sorria ao responder-lhe. Cortesmente ela lhe atendeu às perguntas, mas não parou um instante: continuou o seu caminho na direção dos quatro homens que jogavam baralho.

Ao aproximar-se da mesa em que jogavam, os quatro ergueram os olhos. No semblante de cada um se refletia certa agradável emoção. Mas se fosse idêntica, as máscaras que nós chamamos de rosto, treinadas para ocultar os nossos verdadeiros pensamentos, não denunciavam a identidade. O que sim e não padecia dúvida, era que a moça gozava de popularidade.

— *Hello, Zora!* exclamou um rapaz de rosto largo e franco. Com que então, esteve tirando um cortinho de sono?

— Sim, camarada, respondeu a moça. Mas estou cansada de tanto dormir. Esta inatividade está-me atacando os nervos.

— A mim também, concordou o homem.

— Por quanto tempo mais você ainda esperará o americano, camarada Zveri? indagou Raghunath Jafar.

O colossal homem encolheu os ombros.

— E' que preciso dele, respondeu-lhe. Facilmente podemos levar a cabo a nossa empresa sem o seu auxílio, mas para o efeito moral sobre o mundo, tendo-se um americano rico bem nascido ativamente integrado no negócio, vale a pena esperar.

— Você está absolutamente certo desse "gringo", Zveri? perguntou um moço trigueiro, mexicano, que se

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

